

CARANGUEJO COM IOGURTE

Tobias HECHT

The Claremont Colleges, California

traduzido por Zildo Barbosa Rocha

Conceição se perguntava como o homem conseguiria ascender aquela escada íngreme e estreita. Ele não era velho, não tão velho como João Defunto a quem por vezes encontrava no Chantecler e bem menos franzino do que Seu Dario, o vigia do posto dos Correios. Ela podia mesmo discernir os músculos em torno dos ombros e dos antebraços que se enrijeciam ao esforço. Não é que capengasse porque uma perna lhe tivesse ficado para sempre atrofiada pela poliomielite, nem que puxasse por um lado, como as velhas senhoras da favela que arrastam um pé inchado no final de uma perna fina e cansada, embora ainda poupada à elefantíase. Não era uma coisa, nem outra. Ele simplesmente não tinha pés, nem pernas.

Os moleques da rua o chamavam de Caranguejo, devido à maneira como se movimentava. Quando, sob a névoa da cola de sapateiro, eles o viam deslizar pelas calçadas, as mãos sucedendo-se freneticamente uma à outra no afã de lançar-se adiante, eles tinham a impressão de que possuía não apenas duas, mas muitas delas. Ele coleava por entre as pessoas que languidamente passeavam pelas calçadas da cidade, causando naqueles por quem passava o espanto de verem a metade superior de um corpo de homem capaz de movimentar-se sozinha e possuída de uma urgência de a todos superar em velocidade. Algumas das crianças chegavam mesmo a pensar que ele suspendia o corpo no

ar, uma polegada acima do chão, com a indômita força de seus braços. Mas, Conceição sabia que não era nada disso.

Descobrira o segredo quando ele lhe passou bem por perto, certa vez em que ela estava sentada no cais. Pôde então perceber que Caranguejo não tinha aquela postura oscilante, característica de quem caminha com as mãos, carregando o próprio tronco. Seu corpo permanecia ereto, numa elevação constante por sobre o solo, nunca inteiramente rente ao pavimento escaldante. Quando ele se aproximou um pouco mais, Conceição pôde escutar o ranger sofrido dos metais enferrujados.

As mãos de Caranguejo o impulsionavam, mas eram rolimãs afixadas numa tábua, embaixo de seu tronco, que davam a explicação daquela misteriosa capacidade de deslizar pelas ruas. Difícil era saber onde acabava o homem e onde começava a engenhoca. Dobrava as pontas da camisa, unindo-as por baixo da tábua, com um alfinete de segurança, de modo a não ficarem expostas nem as rodas nem parte alguma da madeira.

Caranguejo observava os degraus, planejando a ascensão. Aquela maneira calculista de fitar fazia Conceição lembrar-se do olhar que muitas vezes notara nos olhos de seu Zé, seu padrasto eventual. Antes de surrá-la, ou Dona Marinefa, sua mãe, ou ainda algum espantalho de sua imaginação bêbada, Seu Zé parava para avaliar suas táticas. As pálpebras se dilatavam, a testa se franzia e o corpo se retesava como um roedor acuado. Eram-lhe necessários alguns instantes para decidir se apanhava uma garrafa vazia, se desatava o cinturão, ou se empunhava

o espaldar de uma cadeira. Lembrava como certa vez agarrou a lâmpada que pendia do teto em um fino cordão. Envolveu com a mão a lâmpada e o bocal e deu um puxavante. Antes que o fio se soltasse do teto, a lâmpada estourou em sua mão. Sua arma caiu por terra, flácida e envergonhada. Enraivecido com o fracasso do plano, ele nem notou que os cacos de um vidro fino se lhe aninharam na palma da mão e que gotas vermelhas pingavam no assoalho. Esqueceu ter planejado agredir Conceição e apanhou do santuário de Dona Marinefa a imagem do Preto Velho, sacudiu-a ao chão, pisoteando-a com seu ossudo calcanhar. "Seu negro nojentol! Você nunca ligou pra mim! Marinefa é uma puta velha e você olha pra ela! E ela pariu tantas outras putas e trombadinhas que eu nem posso contar!" Apanhou o santo, pôs na boca sua cabeça de plástico e meteu-lhe os dentes. Puxava com força o corpo, mas não conseguia apartá-lo da cabeça. Mordia mais forte e a saliva se lhe escapava pelos cantos da boca.

Caranguejo levantou a mão esquerda e agarrou o corrimão. Apoiou por trás de si a mão direita e jogou-a violentamente em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, suspendendo ao mesmo tempo o tronco e pulando para o primeiro degrau. Repetiu o movimento muitas vezes, parando em cada degrau, nunca afrouxando a mão esquerda, para não ter de fazer, escada abaixo, a viagem de volta. Conceição continuava de pé, as mãos postas nos quadris, no topo da escadaria, enquanto o caranguejo ascendia. Este fixava sempre o degrau seguinte e nunca Conceição. E as rodas enferrujadas davam-lhe um pouso instável.

Conceição começava a pensar no que faria com o dinheiro que conseguisse tirar do caranguejo. Queria abarrotar a geladeira da mãe

com quantidade de coisas vindas em embalagem de plástico, como o iogurte Danone. Queria surpreender sua mãe com toda sorte de guloseimas. Compraria também alguns daqueles comprimidos que só Come-Rato sabia onde encontrar. Queria pão doce com Coca-Cola, uma blusa cavada, uns óculos escuros, sapatos e uma mochila colorida. Queria todas aquelas coisas que certa vez lhe foram jogadas à cama pela compaixão de um cliente estrangeiro.

Caranguejo levava muito tempo para subir os degraus. Quando chegou à metade, sem razão aparente, Conceição lembrou-se de Bochecha. Ele perdera seu membro devido a uma garrafa de cola. Lá ia ele, pés descalços colados ao pára-choque traseiro do ônibus, uma mão jogada para dentro de uma janela e a outra, apesar da quentura, agarrando o cano de escape. Ela podia ver o vento soprando por entre os cabelos do menino, enquanto o motorista atingia velocidades cada vez maiores. Bochecha esticava o pescoço por fora da lateral do veículo, para melhor apreciar a paisagem. O ônibus cambaleava de um lado para outro. Numa das paradas, um grupo de meninos começou a xingá-lo: "Cheira-colal". Ele cuspiu ao vento, mesmo sabendo que a saliva não os atingiria. Quando o ônibus deu partida, deixando aquela parada, Bochecha voltou-se para uma última espiada nos meninos. Sentiu a mão direita queimando sobre o cano e afrouxou-a. Pensou em apegar-se ao friso lateral, mas antes de conseguir agarrá-lo o ônibus jogou-se para o lado em acentuada curva, inclinando-se para a direita, sobre os pneus carecas. Bochecha largou o peitoril da janela em que se agarrava com a mão esquerda e rodopiou no ar, caindo sobre o calçamento logo em seguida. A parte do corpo a chocar-se primeiro contra o chão foi a cabeça. Bateu forte contra o meio-fio. Veio depois o tronco que se

prostrou no pavimento ao ruído surdo de vidros e costelas quebradas. Com o choque, havia-se espatifado a garrafa de mel que enchera de cola e colocara por dentro do calção. Quando voltou a si nos corredores da Restauração, perdera o pênis. Conceição podia afirmar, porque vira, que ele passou a urinar por um buraco que lhe furaram na barriga. Os meninos lhe diriam tempos depois : “Bochecha, é melhor você se entregá à morte porque assim você não vai podê vivê não. Como é que você vai transá com uma menina?”

“E daí”, ele respondia, “eu meto o dedo, ou então a língua!”.

Quando o caranguejo alcançou o penúltimo degrau, Conceição afastou-se. Deixou cair os braços sobre as ancas magras. Notou as gotas de suor em sua testa e sentiu-se alta pela primeira vez ao olhar, de cima para baixo, aquele caranguejo barbudo, ela que tinha de esticar bem para o alto o pescoço para encarar alguns de seus clientes. Chegava mesmo algumas vezes a subir numa caixa ou na cama para que eles pudessem roçar os lábios em sua face, respirar em suas orelhas.

Algumas vezes, quando estava só, Conceição costumava chupar o dedo, polegar da mão esquerda. Aquele mesmo que recentemente envolveu o cabo de uma Mauser que Matuto lhe emprestara. Era bem mais pesada do que teria podido imaginar. Mas, embora lhe fosse difícil manuseá-la, gostou da sensação de apertá-la na mão, o relevo dos desenhos do seu cabo ficando-lhe impresso na palma, devido à força sempre maior com que a empunhava. Agora, retirou o polegar e pendurou-a em um porta-cintos vazio. O caranguejo deslizou para o quarto sete. Conceição seguiu-o.

A janela suja do quarto sete voltava-se para o poente e não recebia qualquer aragem. Dava para uma delegacia de polícia, algumas boîtes e uma igreja cujos únicos freqüentadores eram homens desdentados, barba por fazer, que infernizavam a vida de Pe. Rogério por um gole de vinho e um gostinho de hóstia. O padre em geral condescendia mesmo quando em seu hálito recendiam a cachaça. Não conhecia outra maneira de atrair paroquianos e o arcebispo já ameaçara fechar a Igreja e transferi-lo para o interior que o padre abominava por causa da poeira, do sol inclemente e do céu vazio.

O caranguejo voltou-se para trás erguendo o pescoço e trepou com o olhar o corpo de Conceição. Ela sorriu sem graça, sem ele saber porque. Não era um sorriso tímido ou envergonhado que ele teria acolhido com prazer. Era aquele mesmo olhar curioso já visto uma centena de vezes: como um homem pela metade pode mover-se? Como uma metade de homem pode transar? Ela se perguntava se o caranguejo era como Bochecha que mijava pela barriga e fudia com a língua.

“Não faço isso por dinheiro nenhum!”, disse Conceição.

“Eu sei. Você já me disse, duzentos mil.”

“Tudo bem! mas, no próximo mês é mais! Sobe todo mês. Tudo sobe cada mês.”

Ele não disse nada. Retirou do bolso da camisa quatro notas surradas de cinqüenta mil. Estirou o braço e colocou-as sobre a cama. Conceição percebeu que o bolso donde ele tirara as quatro notas ficara ainda

estufado. O caranguejo rolou para mais perto dela. Suas mãos o impeliavam suavemente, as rodas gemiam. Mas outro barulho somou-se ao estranho som das rolimãs. O caranguejo parou e, embora relutante, olhou para trás. Viu então Matuto aproximando-se com a Mauser na mão.

“Está no bolsol”, disse-lhe Conceição.

Os olhos do caranguejo se arregalaram, a testa franziu-se, exatamente como os de Seu Zé. Apenas, ela sabia que ele não poderia apanhar uma cadeira, nem desatar um cinturão que nunca usava. O sorriso se acentuou nos lábios de Conceição. O caranguejo ficou parado. Estava imóvel como um boneco mecânico cujas pilhas de repente descarregassem. Matuto passou a arma a Conceição. Ela a olhou. Parecia tão grande dentro de sua mão! Apontou-a para Caranguejo. Matuto arrancou a camisa do caranguejo. Não mais atado à sua tábua, ele tombou de lado e estrebuchava, tentando firmar-se contra a cama. Sem sua camisa, ele estava nu. Suas costas eram recobertas de cabelos pretos e entrançados. Caranguejo agarrou com firmeza as pernas de Matuto. Este o escoiceou, primeiro nas costelas. Depois nas mandíbulas. Uma terceira vez, de novo nas costelas. Caranguejo caiu de costas e Matuto subiu-lhe ao pescoço. Sua intenção era apenas dominá-lo por um momento, mas descobriu que se o mantivesse sob seu pé, ali colocando todo o peso de seu corpo, aquela metade de homem logo deixaria de contorcer-se.

Conceição se perguntava se o pescoço do caranguejo era tão forte quanto o da imagem do Preto Velho. Seus braços se debatiam, seus olhos se esbugalhavam cada vez mais. Então, todo seu corpo arqueou-se, exatamente como acontecia com os outros clientes. Subitamente

tudo parou e o caranguejo ficou mole e flácido. Como aquele fio que Seu Zé, com um safanão, arrancara do teto.

Matuto apanhou o resto do dinheiro que tinha se espalhado pelo assoalho. Conceição foi olhar o que havia na geladeira. Era uma geladeira pequena, não mais alta do que o próprio caranguejo. Escancarou a porta. Tinha garrafas de cerveja, daquelas pequenas. Conceição retirou duas delas, deixando-as cair no chão. Por trás, viu uma embalagem plástica de iogurte. Pegou-a. "Danone" disse, incapaz de ler as letras azuis. Era um produto famoso. Sustentou-o com uma das mãos e prelibava o que diria sua mãe quando recebesse o presente.

Nota ed. Este texto foi publicado anteriormente em inglês, com o título "Crab and Yoghurt", em: *Brazil Reader*, edited by Robert Levine, Duke University Press.